

Manchete

CR\$ 3,00 • N.º 948 • RIO DE JANEIRO, 20 DE JUNHO DE 1970

Grátis • Neste Número
**UMA BANDEIRA
DO BRASIL PARA
VOCÊ TORCER**

ESPECIAL.
50 PÁGINAS EM CÔRES
**RETRATO DE
PORTUGAL**

Jairzinho, o herói da vitória na batalha da Inglaterra, revive a mística da camisa número 7



CHICO BUARQUE NO PAREDÃO

Se nosso próximo filho for mulher, vamos tentar de novo uma porção de vezes. Até vir homem

EM absoluto, ele não estava à toa na vida. Mas assim mesmo os seus amôres o chamaram na Itália e o trouxeram ao Rio, ao futebol de areia, de botões, ao jovem-Flu e às longas e mansas conversas no Antonio's. Veio, cheio de saudade, dizer e cantar os seus poemas. Agora, pode olhar a Lagoa de longe, ouvindo o barulho do mar e a voz de Sílvia, Silveira, Silveirinha. Copinho ao lado, deitado na rede, ele espera que, de repente, chegue um amigo de fé, que tanto pode ser o Vinícius de Moraes como o Cláudio Marzo, para conversarem sobre uma porção de coisas — a rapidez dos atacantes italianos, por exemplo. Fora dos amigos mais íntimos, os assuntos variam bastante. Ele chega até a falar de música, sua música.

Reportagem
de Creston
Portilho
Foto de Gil
Pinheiro



"É preciso ter cuidado com a Itália. Aquela seleção finge sempre que está apanhando. Quando o adversário está bem confiante, ela dá o bote"



Agnaldo Timóteo

cantor

— Quando me pedem uma opinião sobre você, digo sinceramente que se você fosse à Buzina do Chacrinha seria gongado. Agora, a sua simplicidade é um negócio muito sério e eu o admiro e o invejo por isso. Mas... você, Chico, que conceito tem do Agnaldo Timóteo?

— Sinceramente, meu rádio está sem pilha e o meu fusca está sem rádio. Por isso não sei bem como é que você canta. Mas já me disseram que é um dos cantores mais vendidos do Brasil. Por isso, acho que você está de parabéns.

— A imprensa brasileira noticiou com bastante destaque o seu sucesso na Itália. Mas, de sucesso, pelo que sei, você não viu nem o cheiro. A quem você deve tanta promoção: às suas amizades, à sua origem ou ao seu empresário que é realmente bárbaro?

— Puxa! Tenho a impressão de que você é realmente um sujeito muito ressentido.



Sérgio Nogueira Ribeiro

criminalista

— Antigamente, a pena tinha caráter de vingança e era aplicada através de torturas; hoje passou a ter o objetivo de segregação e de recuperação. Um brilhante médico de tevê, Flávio Cavalcanti, tem contribuído para essa recuperação, transmitindo programas diretamente do auditório da

Penitenciária Lemos de Brito. Você, que é um dos expoentes da música popular brasileira, já deu a sua valiosa contribuição nesse setor?

— Não. Não dei ainda.

— Wilson dos Santos, vulgo Bitinha, que foi um dos mais temidos bandidos da Guanabara, entrou para a penitenciária com 20 anos de idade, para cumprir penas que somam 90. No cárcere descobriu a música e a poesia e hoje é o primeiro clarinetista da Orquestra Lemos de Brito. Você não acha que a justiça deveria dar uma chance a esse seu colega de música e de poesia?

— Bom, eu dou os parabéns ao Bitinha. Quanto à parte criminal, eu não sou entendido no assunto. Mas acho que, teoricamente, um rapaz de 20 anos não pode ser tão culpado para merecer uma pena de 90 anos.



Fernando Lôbo

compositor

— Você toparia ingressar no corpo de jurados do programa do nosso Flávio Cavalcanti, na TV Tupi?

— Você já tomou parte nesse júri e deve ter tido boas razões para entrar. Mas também deve ter tido, suponho, boas razões para sair de lá. Eu, sinceramente, confesso que não gosto de julgar absolutamente nada. Sempre que fui convidado para participar de júris, tive experiências desagradáveis. Funestas, mesmo! Fui duas vezes jurado: uma no Festival da Canção e outra no carnaval — aquele negócio de desfile de Escolas de Samba. Mas juro que isso aconteceu pela burrice de não saber dizer não. Na verdade, hoje me arrependo muito.

— Depois dessa filha maravilhosa e mais bonita do mundo você acha que a nossa A Banda já está superada? Ainda mais: é verdade o que dizem por aí — que você vai chamar de Sílvio Caldas o seu próximo filho?

— Não, meu amigo Fernando. Realmente acho que A Banda está superada (isso para responder a primeira parte). Se-

rá que você também não acha que o Edu superou Chuvas de Verão? Quanto ao nome do meu próximo filho, acho que ele será Moreira da Silva.



Armando Nogueira

cronista esportivo

— Chico, você que viveu um ano na Itália, vendo o futebol de lá, acredita que a Azurra perde muito jogando fora de casa, como dizem os cronistas especializados?

— Vi a seleção italiana jogar apenas duas partidas fora de casa e realmente não rendeu a metade do que pode render. Mesmo assim, acho bom ficar de olho! Aquela seleção finge sempre que está apanhando para de repente dar o bote.

— Você encontrou receptividade para o futebol de botão, na Itália?

— Eles jogam um botão muito diferente do nosso, mais chegados aos dos baianos, por exemplo. Com peteleco, bola chata e outros bichos. O Politeama F.R. não conseguiu impor suas regras.



Carlos Imperial

compositor

— Estava mesmo precisando de uma orientação sua. A Mina lançou duas músicas minhas na Itália: Nem Vem que Não Tem (Sacudim-Sacudim) e A Praça (Daí Domani), que está inclusive em primeiro lugar na França gravada por Brigitte Bardot. Você, sinceramente, me oriente: isso representa alguma coisa para minha car-

reira lá fora? Ou, em termos de Europa, não quer dizer absolutamente nada?

— Olha, Imperial, isso quer dizer muita coisa. Eu fui apresentado aos italianos como o autor de A Banda que também fora gravada anteriormente pela própria Mina.

— Você provavelmente sabe que Mãe Passou Açúcar Nimim, Meu Limão Meu Limocero, Vem Quente Que Eu Estou Fervendo, O Bom, A Praça e Nem Vem Que Não Tem são algumas das minhas músicas gravadas na Europa. O subeditor europeu mandou alguma grana, como adiantamento, e depois não enviou mais nenhum cacau. Em termos financeiros, qual a maneira ideal de se receber os nossos direitos autorais das músicas gravadas lá fora?

— Muito me admira você, o dono do assunto, vir me perguntar o que se deve fazer em termos financeiros. Estou por fora, Impera, nem vem que não tem.



Augusto Marzagão

diretor geral do FIC

— Todo mundo sabe que você ganhou com o Tom o III FIC. Sua vitória foi muito discutida e o público se dividiu em torno dela. Depois, você teria dito a uma porção de gente que estava até decepcionado com o fato de ter ganhado o festival. Hoje, dois anos depois, qual é o balanço que você faz dessa situação? Valeu a pena fazer o Sabiá voar, ou não valeu?

— Isso já foi dito várias vezes e o Tom também acha: Sabiá não foi feito para vencer Festival. Em certos casos, é melhor ser o 2.º ou 3.º lugar, ou mesmo não ser classificado, do que ganhar um primeiro lugar. Sabiá era uma música sem pretensões. Não valeu muito a pena...

— Gostaria de saber se você concorreria ao V FIC — não só com a sua música mas com a sua presença emocionante e charme?

— Acho festival muito bom para lançar compositores jovens. Como já não sou um compositor (profissionalmente) tão jovem, prefiro ficar de fora.



Marieta Severo
atriz

— Se você nascesse de nôvo, que profissão escolheria: compositor ou jogador de futebol?

— Para que nascer de nôvo se eu já exerço os dois ofícios? Num, eu me mato como um profissional e só tenho prejuízos. Noutro, eu divago como um amador e dá para sustentar todos os prejuízos.

— Chico, esse nosso segundo filho que vai nascer em dezembro, você gostaria que fosse homem ou mulher?

— Olha, Marieta, se for mulher eu vou ficar novamente muito contente, feliz, etc. e tal, vou adorar a menina. Mas, de qualquer forma, vou ter pena de você, pois vamos ficar tentando três, quatro, cinco, seis vezes, até vir um homem.



Tibério Gaspar

compositor

— É evidente que no mundo atual existe uma afirmação de culturas, um encurtamento de distâncias e um rompimento de fronteiras, tudo isso proveniente do grande avanço dos meios de comunicação e locomoção. É o surgimento de uma nova tecnologia por via da qual o homem se universaliza e se faz participante. Chico, nesse século não há mais lugar para qualquer tipo de regionalismo, mesmo em arte, ou melhor, principalmente em arte. As coisas devem ser consideradas em termos universais. Você acha que sua arte está perfeitamente enquadrada em sua época?

— Ainda estou com Mário de Andrade: "... quando o compositor se deixa assim levar por uma inspiração livre de sua personalidade, cai noutra nacionalidade que não é a sua." Realmente, com o encurtamento de distâncias, etc. e tal, a Europa e os Estados Unidos estão muito perto de nós, em cima de nós. Mas, para eles, nós continuamos um país longínquo a ser descoberto. Quanto a mim, procuro estar em dia com o meu tempo e o meu país. Mas acho que Agnaldo Timóteo e o Teixeira são mais coerentes.

— Direitos autorais no Brasil continuam a ser uma grande piada. Compositor, se não faz sucesso, morre de fome. Se faz, dificilmente consegue exportar a sua obra e penetrar no mercado internacional. É por isso que há muito compositor se mandando daqui. Gostaria de saber se foi por essa ou outra razão que você se mandou para o exterior.

— Você não falou em encurtamento de distâncias, rompimento de fronteiras, etc. e tal? Então, como é que é difícil exportar a sua obra e penetrar no mercado internacional? Eu fui à Europa para participar do MIDEM e fazer dois programas na televisão italiana. Depois fui ficando porque achei gostoso morar em Roma, só isso, meu caro Tibério Gaspar.



Mário Priolli

empresário e dono do Canecão

— Como você encontrou e encarou nossa música ao voltar da Itália: sentiu alguma mudança substancial ou acha que estava a mesma coisa de antes?

— Encontrei muito bem, muita saúde, mas nenhuma mudança substancial. — Você se considera um compositor de "apêlo popular" ou compõe sem visar uma comunicação com o grande público? E como cantor?

— Algumas de minhas músicas pegaram; outras, não. Isso independentemente de minha vontade. Como cantor, sou sempre o compositor que canta.

"Ouvi muito Noel na minha infância. Mas a influência principal que há em minha música é da bossa nova"



Baden Powell

compositor

— Você gosta de ser entrevistado?

— Acho que você também não gosta muito, não é? (Risos e mais uma cerveja). Sabe, Baden, isso não chega a ser uma das minhas paixões maiores. Prefiro jogar botões.

— Menino. Sua poesia atual sofreu alguma influência da mulher italiana?

— Sofreu, meu querido Baden, e sofreu muito. A influência formidável de uma mulher chamada Sílvia, uma garôta romana.



Neila Tavares

atriz

— Você foi um dos maiores êxitos de bilheteria como dramaturgo com Roda Viva, espetáculo que iniciou uma revolução no teatro brasileiro. Esta pergunta se divide em duas partes: a) você ao escrever Roda Viva pensou e pretendeu esta revolução ou isso ocorreu por conta do José Celso Martinez Corrêa? b) Como você encara o teatro de agressão?

— Reconheci — e já reconheci várias vezes — que a grande força do espetáculo Roda Viva foi mérito da direção do Zé Celso. Não previ nem pensei nessa revolução que você fala — provocada pela minha pecinha.

— Você considera que realmente recebeu influência de Noel Rosa (musical, é verdade)? Ou vocês se parecem apenas na

temática e nessa infinita ternura que caracteriza os dois?

Agradeço por essa "infinita ternura" e reconheço alguma influência de Noel Rosa. Ouvi muito Noel na minha infância, mas isso não é uma influência principal. Esta seria antes de tudo da bossa nova: Tom, Vinícius, Carlinhos Lira, João Gilberto. E também de Caími, Ismael, Pixinguinha e outros, entre os quais Noel. O negócio é que numa de minhas músicas (Rita) entrou o nome de Noel apenas por uma questão de rima e o pessoal pegou isso com certa facilidade...



Carlos Manga

apresentador de TV

— Você não acha que as suas músicas falam demais em experiências não vividas e que são próprias de pessoas com o dobro da sua idade? Como é que você explica essa velhice prematura nas suas canções?

— Não me lembro de nenhuma das minhas composições que fale na primeira pessoa de experiências que eu não vivi e de pessoas com o dobro da minha idade. Acho que não tenho nenhuma, não.

— Aqui entre nós, Chico, que ninguém nos leia: você aceitaria participar do meu programa Quem Tem Medo da Verdade? Se você disser que sim, o convite está feito. Se disser que não, diga também porquê?

— Não vou participar, não. Vou dizer porque a você e seu público: eu o respeito como profissional, sei que está defendendo seu dinheiro para fazer aquele papel lá. Mas, assim que cheguei ao Brasil, a primeira coisa que vi na televisão foi esse seu programa condenando (imagine! puxa vida!) o Grande Otelo — esse ator fantástico do cinema brasileiro. Levei um susto tão grande com esse programa que quase juntei a Marieta, a Sílvia e peguei um avião de volta para a Itália. Mas não me leve a mal. Isso é aqui entre nós... finalmente, ninguém está nos lendo.



Dóris Monteiro

cantora

— Chico, a peça Roda Viva foi apenas uma experiência ou você gostaria e pretende aprofundar-se, fazendo novas experiências nesse setor?

— Para mim, Roda Viva valeu como experiência, aliás bastante valiosa. Se puder, é claro, repito a dose.

— Qual o time que verdadeiramente você prefere que vença: o Fluminense ou seu time de botão?

— O Fluminense, Dóris, é claro! Quanto ao Politeama, talvez você não saiba ainda, não precisa de torcida: vence tôdas as partidas que disputa.



Dr. Altamiro da Rocha de Oliveira

cirurgião plástico

— Você acha que para fazer música é preciso ter um pouco de fossa e de dor de cotovelo?

— Em meu caso particular, meu doutor, não é uma condição essencial para fazer músicas. Mas às vezes ajuda.

— Como você se sente quando o Jovem Flu o chama de pé-frio?

— Humilhado e ofendido. Na verdade, não gosto disso. Mas devo dizer que agora mesmo — há poucos dias — assisti ao jogo do Fluminense contra o Botafogo, o qual ganhamos de dois a zero e tenho testemunhas disso.